

O LUGAR DOS HOTÉIS DE LUXO NA METRÓPOLE: NEGÓCIOS E TURISMO EM SÃO PAULO

Carlos Henrique Costa da SILVA
Coordenador do Curso de Geografia UFSCar/Sorocaba
Doutor em Geografia pela UNESP/Rio Claro
ricougo@ufscar.br

Resumo: O turismo e os setores vinculados aos negócios e aos eventos têm se tornado um dos grandes fatores para a pujança mundial de São Paulo, o que vem a corroborar com a discussão da mundialidade paulistana. As atividades ligadas aos eventos e turismo de negócios, as grandes cadeias hoteleiras e os serviços diversos vinculados a estes dois setores da economia têm contribuído para a configuração de formas, estruturas e funções de caráter mundializado para as cidades contemporâneas. Estas atividades estão introduzindo no espaço urbano um novo ambiente produzido pela atual fase da mundialização. São Paulo, neste contexto, é fruto destas novas articulações no plano mundial, que tem refletido no plano local de maneira diversa, contribuindo para a reprodução de novas formas urbanas e sociais.

Palavras-Chave: São Paulo, Mundialização, Cidades Mundiais, Turismo, Hotelaria.

THE PLACE OF THE LUXURY HOTELS IN METROPOLIS: BUSINESSES AND TOURISM IN SÃO PAULO

Abstract: The tourism segment and its arm linked to the businesses and events has become one of the biggest factors for the world strength of São Paulo, what corroborates to the discussions of São Paulo as world city. The activities linked to the events and business tourism, the great hotel chains and the several services related to these two segments of the economy have been contributing to the configuration of forms, structures and functions with world characteristics in the contemporary cities. These activities are bringing in a new atmosphere to the urban space produced by the current phase of the globalization. This way, we could say São Paulo is a result of these new articulations in the world level, what reflects in the local plane many ways, contributing to the reproduction of new urban and social forms.

Key -Words: São Paulo, Mundialization, World Cities, Tourism, Hostelry.

1- INTRODUÇÃO

O intuito deste artigo é discutir o papel do turismo no processo de reprodução do espaço urbano na perspectiva do estudo das cidades mundiais. Para isso, estamos considerando que São Paulo é uma cidade mundial e que, o turismo, é um importante elemento para a consolidação da metrópole paulista como o mais importante vetor de desenvolvimento para o Brasil. Nossa análise considera as grandes cadeias hoteleiras e o processo de concentração dos hotéis em determinadas partes da cidade, como frutos da constituição de novas áreas de centralidade em São Paulo, advindas de novas articulações entre os planos local e mundial.

De antemão, destacamos que a localização destes hotéis e alguns espaços para eventos está ligada aos locais de maior concentração das atividades mais importantes do setor de serviços e industriais presentes em São Paulo. Ou seja, os locais onde são praticados os negócios contemporâneos da economia global. A discussão inclui, assim, uma análise do processo de mundialização e como as grandes empresas tem se articulado para garantirem a obtenção do lucro, o que, ao nosso entender, acaba produzindo uma cidade corporativa e fragmentada (Santos, 1990).

Conforme nos apresenta Rodrigues (1999, p.17), “o turismo é, incontestavelmente, um fenômeno econômico, político, social e cultural dos mais expressivos das sociedades ditas pós-industriais. Movimenta, em nível mundial, um enorme volume de pessoas e capital, inscrevendo-se materialmente de forma cada vez mais significativa ao criar e recriar espaços diversificados”. Segundo dados da OMT (Organização Mundial de Turismo), em 2003, as atividades ligadas ao turismo movimentaram cerca de 18% de todo o capital em circulação no mundo. Esta cifra avantajada revela a importância do turismo na atualidade, sobretudo seus diversos ramos de atuação. Seus negócios incluem uma variada gama de opções de meios para se investir, indo desde os mais elementares setores do *trade*, como agenciamento e hotelaria, até setores culturais, de lazer, histórico, sociais e informacionais.

No processo de mundialização podemos elencar, conforme Trigo (1998), Andrade (2000) e Rodrigues (1998), alguns importantes elementos que contribuiram para o ganho de importância desta atividade ao longo da última metade do século XX e início do século XXI.

Um primeiro fator se liga ao rápido desenvolvimento econômico vivido pelo mundo após a II Guerra Mundial, o que impulsionou as trocas internacionais, sobretudo vinculadas ao Plano Marshall, à reconstrução da Europa e ao fortalecimento das empresas multinacionais.

Houve também, o aparecimento de uma nova região econômica no lado do Extremo Oriente da Ásia. Liderados pelo Japão e os chamados “Tigres Asiáticos”, esta região introduziu novas rotas para as trocas internacionais, iniciadas a partir da década de 1960. Para o turismo, este fato foi fundamental, pois esta região passou a receber investimentos maciços de cadeias hoteleiras internacionais, espaços para eventos, restaurantes de nível internacional, além de investimentos em infra-estrutura aero-portuária, tornando-se hoje, um importante pólo receptor e emissor de turistas de todo o mundo. Hong Kong e Cingapura, por exemplo, investiram maciçamente em novos aeroportos, modernização de portos e vias rápidas de acesso para permitir a circulação de pessoas e de mercadorias que se intensificou nos últimos 25 anos, viabilizando o desenvolvimento de novos negócios e eventos, que impulsionaram, por sua vez o turismo.

No plano social em relação ao Brasil, as novas regras de trabalho, como o 13º salário, a instituição de férias remuneradas, o domingo como dia livre do trabalho, a jornada semanal de 40 horas, trouxeram um novo impulso para o desenvolvimento do turismo, devido ao aparecimento do tempo livre remunerado¹. A crescente urbanização do território trouxe novas demandas para certos setores da economia, para a produção de uma série de novas atividades direcionadas ao habitante da cidade, principalmente da grande cidade, que passou a requerer novos serviços para “fugir” da vida contemporânea, fatigante, estressante e veloz. Assim, novas possibilidades de turismo surgem principalmente ligadas ao espaço rural e à natureza.

Juntamente com estes dois fatores e aos outros apresentados anteriormente, as novas descobertas em tecnologias de transportes e serviços informacionais contribuíram para o rápido desenvolvimento do turismo. Novos aviões muito mais capazes e velozes, trens de alta velocidade, transatlânticos rápidos e luxuosos, sistemas informacionais integrados para a reserva e venda de bilhetes e pacotes de turismo, deram um novo impulso para a atividade.

O processo de mundialização é o grande fator de reprodução do sistema que impulsiona estas transformações descritas acima. É ele que marca o modo como foi se travando no plano territorial e social as novas características do mundo hoje, como a ocidentalização da cultura, o convite ao consumismo, a imposição de hábitos de níveis internacionais, como o viajar, sentir prazer e a padronização de costumes (língua inglesa,

¹ Destaca-se que estes fatores não significaram inserir toda a classe trabalhadora brasileira nas atividades de lazer e turismo. Somente uma parcela foi absorvida já que uma outra parte, aproveita as horas de descanso de uma determinada função de trabalho para realizar outras atividades remuneradas para complementar o orçamento familiar. Portanto, essa parcela da população não possui tempo livre.

comida *fast food*, cultura global), como sendo atributos inerentes às pessoas que queiram estar inseridas no mercado mundial.²

O turismo assim, passa a ser uma das atividades de maior relevância na instituição de novos elementos para a mundialização. Assim, entendemos o turismo como um vetor que impulsiona a transformação urbana. É neste sentido que vamos analisar São Paulo, a partir das modificações ocorridas em seu território por meio da concentração dos hotéis de alto padrão em uma determinada área.

2- AS CIDADES MUNDIAIS

A configuração atual do espaço mundial apresenta um forte embasamento nas trocas comerciais e de informação, onde os países, de forma bilateral ou multilateral, procuram se inserir de modo a ganhar vantagens comparativas, para poderem participar do processo de mundialização. O final do século XX mostrou que este processo está cada vez mais baseado no capital financeiro e na força de atuação das empresas multinacionais. Estas, de modo rápido, impõem suas exigências nos mercados locais contribuindo para a instalação de novos atributos para a reprodução do capital, dialogando com o poder público de modo a conseguir todos os benefícios possíveis para dar maior velocidade na obtenção do lucro.

O capital financeiro, por sua vez, está cada vez mais fluido e se movimenta pelo espaço mundial de maneira a reproduzir-se com maior velocidade, não importando o local de sua implantação, mas sim os benefícios contidos numa determinada localidade que auxilie de maneira rápida a sua realização, tornando-se especulativo, girando ao redor do mundo através de bolsas de valores e investimentos não-materiais. Deste modo, barreiras sociais, culturais e econômicas passam a ser estudadas para serem retiradas do caminho da obtenção do lucro destes agentes hegemônicos do capital.

Neste contexto, tempo e espaço se redefinem, pois os fluxos modificam-se de modo a interferir no processo de reprodução do espaço, que passa a ser um dado essencial, já que a localização exata de um investimento auxilia na maior reprodução do capital. Hoje, o tempo pode ser vencido por meio da tecnologia da informação, dos meios rápidos de transportes e da

² Vale lembrar que atualmente a discussão do turismo de ordem mundial deve ser entendida num outro estágio, já que a partir dos atentados terroristas de 11 de setembro nos Estados Unidos, a segurança passou a ser um dos quesitos mais importantes para o desenvolvimento do turismo em certos locais. O medo, as ameaças de bomba e atentados se colocam atualmente para o turismo como um grande desafio para o seu pleno crescimento.

cada vez maior utilização de novas máquinas, materiais e técnicas, as quais têm diminuído o tempo de produção e circulação das mercadorias e idéias.

No desenvolvimento do capitalismo, a concentração territorial dos meios de gestão do processo de reprodução do capital, tem ganhado cada vez mais importância no cenário internacional, já que a produção efetiva das mercadorias passou a ser um dado secundário. As unidades fabris e as estruturas da distribuição têm se mostrado flexíveis para mudarem de lugar conforme os fatores de localização vão se modificando e se amenizando, devido ao desenvolvimento dos meios de comunicação e transportes. Ficam centralizadas as atividades de controle, gestão, planejamento e divulgação dos produtos, em um espaço específico – a cidade, a metrópole - aonde seu tempo e espaço vão se redefinindo de acordo com estes novos processos.

O conceito que emerge para análise do mundo no período atual é o de Cidade Mundial, onde as transformações ocorridas nos últimos 50 anos se materializaram de maneira mais evidente e é a escala que utilizaremos para discutir as atividades de turismo, vinculadas aos negócios. Assim, a análise de São Paulo através dos seus hotéis de luxo e os espaços para eventos estão no centro desta discussão, pois têm interferido na constituição de novas áreas de centralidades vinculadas a estes empreendimentos na porção sudoeste da cidade, sobretudo no chamado novo eixo comercial-empresarial, que liga a Avenida Paulista, às Avenidas Faria Lima, Eng. Luis Carlos Berrini e Nações Unidas.

O conceito de cidade mundial, segundo Sassen (1988) surge a partir das novas características do mundo após o fim da II Guerra Mundial, já que nas décadas posteriores a 1945, o regime internacional baseado na dominância norte americana da economia mundial auxiliada pelas regras do Tratado de Bretton Woods de 1945, começou a entrar em colapso. No começo da década de 1970, as condições de suporte desse regime foram se desintegrando, o que pode ser considerado o “início” de um período de transição, porque o controle da ordem econômica internacional foi uma desordenada extensão de importantes pontos estratégicos de firmas transnacionais e bancos norte-americanos, europeus e japoneses em todo o mundo. Nos anos 1980, entretanto, as grandes transnacionais norte-americanas, européias e algumas japonesas, enfrentaram uma massiva crise, no então chamado Terceiro Mundo, e as indústrias conheceram um severo prejuízo graças ao crescimento da competição estrangeira.

As cidades passaram a influenciar vastas regiões através de diversos recursos, principalmente financeiros, das telecomunicações, da ciência, desenvolvimento de tecnologia e de serviços industriais especializados, o que possibilitou a reestruturação da sociedade

urbana e da ordem econômica vigente a partir de meados da década de 1980. Assim, um novo tipo de cidade apareceu - a cidade mundial.

Cepollaro (1998, p.237), quando discute a concentração nas grandes cidades de atividades ligadas a uma economia transacional e mundializada, afirma que “é na metrópole que as atividades de nível superior tendem a se concentrar, transformando-lhe a base e as funções econômicas e dando novo impulso à dinâmica urbana”. Este autor, quando faz estas considerações está discutindo a questão das atividades ligadas a um suposto setor quaternário, conforme Gottmann analisou no início da década de 1960 para a realidade norte-americana. Nas duas últimas décadas do século XX, este conceito é trazido com uma nova roupagem e novos enfoques de análise feitos, por exemplo, pela Saskia Sassen (1988) em sua já clássica discussão sobre a Cidade Global e Castells (1996) a respeito da Cidade Informacional. Segundo Gottmann (apud CEPOLLARO, 1998, p. 236), o setor quaternário é composto de atividades como

o gerenciamento dos negócios públicos e privados; a pesquisa, a formação e a educação superior; os serviços qualificados para a produção e as consultorias especializadas no campo financeiro, comercial e organizacional; os serviços técnicos e profissionais; o conjunto das atividades internas ao sistema dos *mass media* e das atividades que giram em torno da indústria cultural e do lazer.

Deste modo, a análise das cidades mundiais feitas por Sassen no final da década de 1980 e durante toda a década de 1990 enfatizou, sobretudo este setor da economia e sua conseqüente concentração nos pontos nodais da rede mundial de cidades, que passou a se constituir com o desenvolvimento do capitalismo financeiro.

As mais importantes cidades no cenário mundial atual tendem a concentrar uma série de atividades e setores produtivos, típicos do processo de mundialização, onde cada cidade se preparará para estar adaptada aos novos comandos da economia mundial, de acordo com o ritmo imposto por este processo nos territórios nacionais. Assim, cidades como Nova York, Londres, Paris, Tóquio, Milão, Frankfurt, Seul, Los Angeles, Toronto, Hong Kong, Cingapura e outras, vão estar no topo da rede das cidades mundiais³, pois comandam as maiores economias do planeta e servem como termômetros e vetores de expansão do sistema

³ Para maiores detalhes ver a lista contendo a hierarquia dos principais centros urbanos em todo mundo no site da Universidade de Longborough – www.lboro.ac.uk/gawk/index.htm

capitalista contemporâneo, influenciando todas as outras cidades que a estas estão interconectadas por meio das finanças, telecomunicações, ciência, informação.

São Paulo, Cidade do México, Buenos Aires, Madrid, Johannesburgo, Sydney, Bangkok, Moscou, e muitas outras, são exemplos de cidades mundiais de segundo nível, mas que são determinantes para o funcionamento do sistema, já que comandam importantes regiões, interferindo de modo decisivo nos mais variados e distantes lugares do mundo, funcionando como verdadeiros nós de rede que passam a auxiliar na conexão entre as mais variadas e diferentes sociedades do globo.

Existe uma hierarquia entre estas cidades que está vinculada diretamente ao papel que as sociedades nacionais de localização destas cidades, exercem no cenário internacional. No entanto, esta hierarquia não é estática, ou seja, uma cidade de segundo nível como São Paulo, pode conter alguns setores econômicos mais desenvolvidos do que Paris, que é de primeiro nível, por exemplo. Isto ocorre, pois estas cidades estão interligadas através das redes de trocas internacionais e podem desenvolver mais especificamente alguns setores, tornando-se referência mundial.

Nesta perspectiva do estudo das cidades mundiais, o que importa é a magnitude de manter e controlar as relações sócio-econômicas e políticas mundiais. Quanto maior for o papel de uma cidade dentro do processo de mundialização, maior será seu nível de controle e gestão da economia e cultura mundiais e esta, estará cada vez mais inserida no processo de mundialização. Assim, o que estamos discutindo é que, apesar da integração dos mercados mundiais num grande sistema financeiro e de produção em escala global, há uma hierarquia que identifica estes pontos e estabelece suas posições dentro do processo de mundialização.

3- SÃO PAULO E SUAS CARACTERÍSTICAS COMO CIDADE MUNDIAL

Segundo Cordeiro (1993), durante a década de 1950, reagindo às crises e às rupturas de ordem internacional ou aproveitando a reconstrução da economia mundial no segundo pós-guerra, o Brasil, através da participação do Estado como promotor e coordenador da estratégia do crescimento, impulsionou a diversificação de sua estrutura industrial. Deu-se a reorganização completa de nossa economia e da estrutura espacial no que se refere aos fluxos de capitais, migração do trabalho, processo de produção e gestão das atividades econômicas.

No rearranjo espacial do sistema, as grandes corporações passaram a localizar suas subsidiárias principalmente nas metrópoles dos países periféricos, onde encontraram as mais favoráveis condições para a reprodução do seu capital. Ao mesmo tempo, aí implantaram as sedes de gestão dos seus negócios.

Avaliando a importância relativa da acumulação do capital nas metrópoles brasileiras e o rearranjo espacial de sua trajetória nessa fase, pode-se constatar uma concentração do controle do território em 3 regiões metropolitanas: São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, com larga magnitude de controle em São Paulo. (CORDEIRO, 1986 e SANTOS, 1994)

Nos anos 80 o setor financeiro tornou-se o integrador do sistema econômico mundial, através da transnacionalização do mercado e reestruturação do capital em escala global. O capital financeiro veio, portanto, a dominar a economia internacional, sendo a cidade mundial sua articuladora.

Desenvolveram-se na Região Metropolitana de São Paulo as condições que a capacitaram ao desempenho não apenas como núcleo principal da produção fordista em nosso país, mas, sobretudo, de ponto articulador e articulado do conjunto de cidades mundiais, centro básico do controle e acumulação do capitalismo em nível internacional em nosso território. Desenvolveu-se no país uma desconcentração do sistema produtivo e o fortalecimento da concentração do sistema de gestão do setor transnacional tendo a região metropolitana de São Paulo como centro líder do conjunto metropolitano brasileiro. (CORDEIRO, 1986)

São Paulo tem crescente importância como centro integrador e concentrador da informação na rede urbana do território brasileiro, através da estruturação cumulativa da rede nacional de telecomunicações. Conforme a SEMPLA (2002, p.14),

São Paulo constitui hoje, o mais importante pólo de conexões da economia brasileira com fluxos globalizados de capital, desempenhando funções de centro financeiro, sede de grandes corporações transnacionais e base de complexas redes de serviços modernos de alta especialização nas quais se apóiam as transações globais.

Sobre o papel de encruzilhada dos grandes fluxos de capital e de vetor de difusão de novidades no âmbito da cultura em nível internacional do território brasileiro, Carlos (2001, p.139) afirma que “uma das características da chamada “cidade mundial” é a emergência do setor de serviços altamente especializados, articulando espaços com uma racionalidade e eficiência assentadas na competitividade e estabelecidas em padrões impostos

internacionalmente. É esse comportamento que se vislumbra em São Paulo”. Levy (1997, p.161), discutindo esta mesma questão, afirma que São Paulo “vem, inegavelmente, preenchendo o papel de articuladora da economia nacional, servindo de vínculo entre a economia brasileira e os mercados internacionais, convertendo-se em um ponto nodal, atributo das cidades mundiais”.

Esse papel de agente articulador das inovações contemporâneas em circulação pelo mundo, traz a São Paulo uma rica fonte para o desenvolvimento de novas práticas sócio-espaciais. Algumas nem tão novas em alguns setores, mas que passam a ganhar novos conteúdos e elementos a partir do diálogo constante entre o global e o local, rebatendo-se no território de forma a contribuir para a constituição de um espaço em constante transformação. Acreditamos que o turismo seja um exemplo destas atividades que vêm se apresentando em estado de permanente mudança. As novidades alcançam o território brasileiro muitas vezes, via São Paulo, seja pelas sedes de empresas, bancos, instituições governamentais presentes na cidade. Isto corrobora para sua atuação enquanto vetor de comando em nível nacional.

Uma série de pesquisas tem corroborado para esta discussão a respeito de São Paulo ser ou não ser considerada uma cidade mundial, desenvolvendo papel de liderança da economia brasileira no seu processo de inserção na mundialização. Nestes estudos, Carlos (2001 e 2005), Levy (1997), Ferreira (2003), Silva (2001), Silva (2005), Santos (1990 e 1994), Souza (1999), Alves (2005) consideram que São Paulo é uma cidade mundial, mas não nos termos exatos propostos por Sassen (1988) e Castells (1996), pois as economias periféricas do sistema econômico internacional têm desenvolvido novos tipos de interação neste contexto, fazendo surgir novos elementos para se pensar este conceito na atualidade⁴.

Algumas características presentes nestas cidades, como a situação de exclusão social explícita, falta de infra-estrutura urbana (habitações, saneamento básico, energia elétrica, coleta de lixo, rede de abastecimento de água) adequada e mínima para parcelas consideráveis de seus habitantes, além de problemas de ordem social como violência, baixos índices de educação, péssimas condições de saúde, falta de trabalho e alto grau de informalidade, faz com que estas cidades tenham especificidades, produzidas ao longo do tempo, por meio do diálogo entre local e global. Ou seja, os agentes hegemônicos internacionais atuam na cidade, mas, paulatinamente, compreendem e vão se adaptando, ou mesmo fazendo o lugar se adaptar à sua presença ali, às novas realidades, produzindo, muitas vezes, hibridismos em referência a

⁴ Para maiores detalhes sobre esta discussão, ver os autores referidos.

outras cidades mundiais de categoria central, como naquelas da tríade proposta por Sassen (1988), Londres, Tóquio ou Nova York.

4- NEGÓCIOS E TURISMO NA CIDADE MUNDIAL DE SÃO PAULO

O setor do turismo e seu braço vinculado aos negócios e eventos têm se tornado um dos grandes fatores da pujança mundial de São Paulo, o que vem a corroborar com a discussão da mundialidade paulistana, já que esta modalidade de turismo vincula-se a ocorrência de eventos de porte local, regional, nacional e internacional que faz girar uma grande quantidade de dinheiro no período de sua ocorrência, devido aos contratos fechados e negócios estabelecidos. O turismo que os negócios produzem na cidade é importante para a reprodução de um grande setor econômico que é o da hotelaria e o da alimentação na cidade, fazendo girar enormes quantidades de dinheiro. Reuniões empresariais são muito importantes para as cadeias hoteleiras, já que os participantes ficam hospedados, em média, de duas a três noites, e também para a cidade, já que passam a incrementar a circulação de dinheiro em uma série de outros locais, como restaurantes, lojas de *souvenirs*, lojas de roupa e acessórios, teatros, festas, museus, galerias e muito mais.

Segundo a ABIH⁵, eventos de porte internacional como O Grande Prêmio de Fórmula 1, Shows Internacionais, Mega Feiras, trazem para cidade mais de US\$ 20 milhões em cada ocorrência. Somente o GP de Fórmula 1, traz para São Paulo, US\$ 85 milhões.

No primeiro semestre de 2010, o grande evento em São Paulo, seguramente foi a parada do Orgulho Gay, realizada anualmente sempre no feriado de Corpus Christie. Este evento, realizado aglomerou na Avenida Paulista quase 2 milhões de pessoas, trazendo para a cidade pelo menos 150 mil turistas de todas as partes do Brasil e do Mundo. Segundo fontes da Organização do Evento, a Parada Gay, faz circular em São Paulo aproximadamente US\$ 100 milhões, entre diárias de hotéis, viagens de lazer aos arredores da metrópole, lazer noturno, setor de restaurantes, museus, *shopping centers* e serviços.

As reuniões corporativas e grandes convenções são responsáveis pela locação de andares ou hotéis inteiros da cidade para a interlocução entre empresários e funcionários ou empresários e consumidores, o que é uma exigência do atual estágio de desenvolvimento do

⁵ Associação Brasileira da Indústria Hoteleira – www.abih.com.br

capitalismo. Apesar da grande virtualidade nos contatos, a presença real ainda é um componente essencial para dar garantia às transações.

As atividades ligadas aos eventos e turismo de negócios, as grandes cadeias hoteleiras e os serviços diversos vinculados a estes dois setores da economia, têm contribuído para um aprofundamento do funcionamento simultâneo e de escala mundial das cidades contemporâneas, sobretudo nas cidades ditas mundiais. Além disso, possuem papel principal na produção de novas formas e funções que têm auxiliado na reprodução do espaço metropolitano, no interior do processo de mundialização.

Nas cidades mundiais, o turismo ligado aos negócios está na base da discussão do atual estágio de urbanização. Congrega uma série de atividades que estão introduzindo no espaço urbano um novo ambiente produzido pela atual fase da mundialização. São Paulo, neste contexto, é fruto destas articulações no plano mundial, que tem refletido no plano local de maneira diversa, contribuindo para a reprodução de novas formas urbanas e sociais.

A constituição de partes específicas da cidade com características próprias advindas da articulação entre mundialidade e localidade, produz, na cidade, núcleos com funcionamento singular que passam a representar fragmentos mundializados dentro da própria cidade. O ambiente de negócios empresariais ou mesmo ocorrência de eventos de portes diversos nestes setores da cidade, articulam bairros na direção de se transformarem continuamente para a reprodução destas atividades aí concentradas. A hotelaria de médio e alto padrão que passa a se estabelecer em algumas destas regiões da cidade, são apenas objetos requeridos pelos padrões atuais de reprodução do sistema capitalista de produção. A circulação do capital em nível mundial traz para as cidades estas “novas” empresas que vão, paulatinamente, também interferindo na produção do espaço urbano a partir da introdução de seus próprios atributos que permitem seu funcionamento na cidade.

Carlos (2005, p.29) analisando a metrópole paulista e o atual estágio de reprodução de seu espaço, destaca como principais elementos para se entender a forma como o processo de mundialização alcança o território, a análise de três setores fundamentais:

o setor financeiro que se realiza através do setor imobiliário, investindo na compra da terra urbana para a produção dos edifícios corporativos que serão destinados ao mercado de locação. O setor de turismo e lazer através da venda dos lugares para a realização de seu consumo produtivo, e o narcotráfico, através da dominação de lugares da metrópole como condição da realização do comércio da droga.

Para nosso caso, o setor financeiro e o setor de turismo e lazer estão completamente entrelaçados, já que os grandes hotéis de luxo de São Paulo estão inseridos na reprodução do capital financeiro, pois foram construídos com dinheiro, muitas vezes, advindo de fundos de pensão, financiamentos do BNDES e empréstimos internacionais, onde inúmeras transações de negócios ocorrem em seu interior, porque possuem instalações para a ocorrência de eventos desta natureza.

A maior parte está sendo administrada por grandes empresas multinacionais do setor hoteleiro, que tem como base de sua reprodução o crescimento das atividades ligadas ao turismo e ao lazer. Além disso, estes empreendimentos representam diversificação nos meios de investimento de capital, pois o capital imobilizado na forma do imóvel, da construção, é muitas vezes, advindos de um *pool* de investidores formados pelos mais diversos tipos de instituições. Nestas reuniões de investidores podem ser inseridos desde a grande empresa incorporadora imobiliária até o pequeno investidor que enxerga na compra de uma unidade habitacional de um hotel, a possibilidade de reproduzir seu investimento de maneira mais rápida e estendida⁶.

O processo se desenrola com o lançamento de um edifício em conjunto com uma grande administradora de hotéis, que passam a vender⁷, aos mais diferentes tipos de investidores, as unidades habitacionais – UH's - (quartos, apartamentos ou suítes). Estes investidores compram estas UH's que, a partir do lançamento e gerência do hotel, passam a ter direito sobre os lucros do funcionamento do hotel. Ou seja, se um comprador tem quatro UH's de um determinado hotel e a taxa de ocupação média foi de 75% gerando um lucro determinado para a empresa administradora, este comprador, terá direito nos rendimentos, após ser retirada a quantia da administradora, que inclui os gastos com infra-estrutura, marketing e pagamento de funcionários, proporcionais às suas quatro UH's, todos os meses, independente se elas foram ocupadas ou não no período de 30 dias. Ou seja, passa a ser um investimento vantajoso já que sempre haverá lucro, independente de sua ocupação⁸. Para muitos investidores, essa possibilidade é mais rentável que comprar um imóvel tradicional (casa ou apartamento) e colocá-lo no mercado imobiliário para ser alugado.

⁶ Com taxas de lucro mais altas que as praticadas nos mercados acionários ou de aplicações em fundos de rendimentos bancários.

⁷ Muitas vezes os preços são equivalentes aos praticados no mercado imobiliário tradicional. Ou seja, um apartamento em um hotel por volta de 60 a 150 mil dependendo de sua metragem e de sua localização.

⁸ Muitos contratos possuem cláusulas que limitam a quantidade de dinheiro destinado à administração, garantindo uma parte sempre constante para os investidores. É esta situação que garante o sucesso neste tipo de investimento.

O risco de não conseguir alugá-lo é alto. O risco que existe neste tipo de investimento em hotéis ou flats é o do fechamento do empreendimento, o que têm ocorrido com até certa frequência na cidade de São Paulo devido a super-oferta em algumas partes da cidade. Se isto ocorre, o capital investido fica imobilizado e sem nenhum rendimento até que volte a funcionar⁹. Carlos (2005) entende que este movimento que se vislumbra na metrópole paulista hoje com mais nitidez, revela contradições do fluxo do capital do setor financeiro na produção do espaço urbano.

Há uma migração dos investimentos do setor industrial para o imobiliário, visto que a grande pujança da cidade hoje, liga-se aos serviços contemporâneos regidos por parâmetros mundiais. Estas novas atividades requerem ambientes exclusivos para ocorrerem e, assim, a diversificação nos investimentos realizados via capital financeiro alcançam a esfera da incorporação imobiliária. É deste modo que partes novas da cidade passam a ser inseridas na esfera da produção espacial, a partir de investimentos em imóveis, muitas vezes de escritórios ou de hotéis.

Estes empreendimentos imobiliários vinculados ao turismo são entendidos hoje como elementos importantes na produção de novas centralidades, já que o crescimento da economia dos serviços se tornou a grande função de São Paulo. O capital financeiro aliado a eles, vai influenciar na transformação do espaço urbano na busca da fluidez, articulando partes diferentes e novas da cidade em busca da extensão do lucro. Assim, o espaço urbano vai se redefinindo com o lançamento de novos empreendimentos desta natureza, dando uma nova imagem a partes específicas da cidade ligadas a estes setores.

Conforme Carlos (2004) destaca quando analisa a questão das transformações no plano metropolitano a partir da emergência de reestruturações na economia capitalista atual, tais transformações têm requerido novos ambientes para a reprodução do capital financeiro e imobiliário das grandes cidades. Assim, surgem novas partes nas metrópoles produzidas pela força do capital hegemônico, que auxilia na indução de reformas urbanas.

Ferreira (2003), Carlos (2001) e Silva (2001) analisam a questão do surgimento de novas áreas na cidade vinculadas ao capital hegemônico, quando discutem a participação da Avenida Eng. Luis Carlos Berrini e todo o vetor sudoeste ligado à Marginal Pinheiros, como um novo setor que aglomera empresas de serviços e finanças de origem tanto estrangeira

⁹ Segundo o levantamento que temos realizado, não há muitos casos de fechamento de hotéis administrados pelas grandes companhias hoteleiras. Os empreendimentos que se encerraram, na maior parte das vezes foram de pequenas empresas que aproveitaram o *boom* no setor durante o final da década de 1990 e investiram sem ter experiência na área.

quanto nacional em São Paulo, conformando um novo centro, com diferentes características do chamado Centro Paulista (Av. Paulista) ou, anteriormente, do Centro Histórico (Sé - República), pois esta nova região paulistana tem sido produzida pelos agentes contemporâneos do processo de mundialização.

A busca rápida pelas melhores porções de terra nesta nova área da cidade passam a ser fundamentais para a reprodução do capital financeiro, já que a atmosfera dos negócios mundializados toma conta desta porção da cidade, e edifícios, cada vez mais modernos e “inteligentes”, surgem, configurando uma nova imagem vinculada a novas funções.

Vale lembrar que sem a atuação do poder público estas transformações não poderiam ocorrer de forma tão rápida e constante. O Estado passa a ser o mediador destas mudanças, modificando as leis de zoneamento e desapropriando áreas da cidade, que deixam de ser residenciais e passam a ser comerciais. Ou seja, a cidade, com a construção de edifícios, ganha em altura e, retirando antigos bairros e favelas do meio desta nova região da cidade, possibilita a formação de um eixo empresarial que se inicia na região da Avenida Paulista e termina na Marginal do Rio Pinheiros, próximo a Ponte Transamérica¹⁰.

Esse “novo” espaço na metrópole, entendido enquanto eixo empresarial-comercial que se forma desde a Avenida Paulista até a Marginal Pinheiros, conforme Carlos (2005, p.36), é um exemplo do processo de fragmentação do espaço, construído segundo a lógica da reprodução do capital aliado ao Estado, que cria, porém, as possibilidades para a realização total do capital.

A “produção de um novo espaço” é apenas aparente, trata-se, antes, do momento em que o espaço, produzido no momento histórico atual, é completamente transformado, em função das novas estratégias impostas pela continuidade do processo econômico-financeiro sob a égide da modernização, apoiada em um amplo desenvolvimento técnico e acompanhada pela flexibilização e pelo deslocamento dos setores produtivos no espaço metropolitano, cria uma nova hierarquia dos lugares, na qual a centralidade, potencializada, expande-se espacialmente. Assim a reprodução econômica realiza-se por meio da reprodução espacial.¹¹

¹⁰ Carlos A.F.A. A Reprodução da cidade como “negócio”. In. Carlos e Carreras. **Urbanização e Mundialização**. São Paulo: Contexto, 2005, p.31

¹¹ Carlos, (idem).

Os mega-empreendimentos hoteleiros e os locais destinados à realização de eventos de todas as ordens, aliados a uma diversa gama de empresas de serviços vinculadas a estes setores, passam a interferir de modo crescente na reprodução da cidade.

A discussão da produção de novas centralidades vinculadas ao setor de serviços do turismo no plano urbano de São Paulo revela como determinadas áreas da cidade ganharam novos investimentos deste setor e outras não, e como foi este processo, destacando as modificações urbanas. O conceito de centralidade é vital nesta análise, já que conforme Lefèbvre (1983) afirma, é um elemento intrínseco do fenômeno urbano. Atualmente, a centralidade é um dos fatores determinantes da relação espaço-tempo no urbano. Conforme proposto por Carlos (2001, p.178)

A centralidade liga-se hoje, portanto, a uma nova capacidade de concentração. No quadro produzido, o espaço fragmenta-se; é raro em torno dos centros onde é literalmente pulverizado, vendido em lotes, podendo mesmo assumir as funções de reserva de valor, meio de segregação, elemento e dispersão da sociedade nas periferias e subúrbios. Isto porque a cidade explodiu e concretizou-se a partir de novas formas, estruturas e funções, onde áreas imensas ganham novo valor de uso e, conseqüentemente, valor de troca, pois o espaço, mercantilizado, insere-se no mundo da mercadoria.

No caso de São Paulo, os agentes vinculados ao turismo de negócios e eventos vêm interferindo nas chamadas “centralidades móveis”. Conforme nos apresenta Rolnik (1997), a cidade de São Paulo vem passando por imensas transformações, decorrente de sua freqüente adaptação aos padrões internacionais de reprodução do sistema capitalista. Este processo não é recente, ao contrário, é um movimento antigo o qual vem se reproduzindo desde meados do século XX. Hoje se torna mais evidente devido à forma e a estrutura de partes da metrópole que têm se apresentado com novas funções, apresentando uma alta capacidade de transformação fruto das articulações entre o espaço urbano, o território nacional e o plano mundial.

Se antes, o centro, região dos distritos Sé e República, significava facilidades de contatos devido a proximidade dos locais de decisão política, econômica e o mercado consumidor, a partir de meados dos anos 1960, a região da Avenida Paulista, vai conter novas facilidades, possibilitadas pela verticalização moderna. Além disso, a fluidez do espaço ligada

às finanças e as telecomunicações, têm interferido na criação de novas centralidades subscritas ao “novo” vetor de desenvolvimento ao longo das avenidas Faria Lima, Luis Carlos Berrini e Nações Unidas, a partir da década de 1990.

Vale lembrar que esta concentração de atividades modernas nesta “nova” porção da cidade vai se opor às demais, devido a sua forte concentração, e é o capital financeiro aliado ao poder do Estado que permite esta configuração do espaço urbano, pois foi escolhendo quais regiões da cidade estariam inseridas ou não nos processos mais contemporâneos da mundialização. Isso faz surgir na metrópole bairros considerados “reservas” para a expansão dos próximos ciclos do capital (TELLO, 2005). Como exemplo, tem-se a atual região da Avenida Berrini, Nova Faria Lima e Nações Unidas que durante a década de 1990, a partir de reformas urbanas, foi produzida para ser uma região destinada a receber investimentos corporativos em São Paulo, ligados aos novos setores de desenvolvimento do ciclo atual do capitalismo.

Em outras palavras, nas décadas de 1960 e 1970, a Avenida Paulista surgia como o grande centro industrial e financeiro da cidade, e a região, que hoje é considerada o “novo” centro paulistano, era vista muito distante das necessidades imediatas para a reprodução do capital naquele momento. De acordo com os movimentos do desenvolvimento do capitalismo, esta área, que antes era considerada distante, tornou-se o foco principal dos investimentos e passou a ser incorporada como área primaz para os novos investimentos imobiliários de atividades ligadas aos serviços modernos típicos do fim do século XX e início do século XXI.

No contexto da hotelaria de padrão internacional de luxo de São Paulo, apenas o setor sudoeste, surge como ponto central dos investimentos, permanecendo todas as outras regiões da metrópole fora do roteiro de existência de empreendimentos desta natureza. Vale apresentar aqui um dado muito elucidador sobre esta dinâmica do espaço urbano.

A rede hoteleira norte-americana *Hilton*, inaugurou em 1971 seu grande empreendimento de luxo no centro da cidade de São Paulo, localizado na Avenida Ipiranga. Este local, no período de sua inauguração, estava em um dos terrenos mais valorizados da cidade e servia como referencial para os turistas e habitantes da cidade. Hoje, este hotel está fechado, pois em 2003 o *Hilton* inaugurou seu novo empreendimento na Marginal Pinheiros, ou seja, na nova área dos negócios de São Paulo. A unidade mais antiga já estava considerada obsoleta em sua infra-estrutura e os turistas atuais não viam nenhum atrativo em se hospedar no centro histórico, já que as empresas onde trabalhavam ou os eventos que iriam participar se localizavam muito distante dali.

O mesmo ocorreu com a rede mexicana Posadas, controladora da bandeira de hotéis de luxo *Cesar Park & Business*, que tinha um hotel na Rua Augusta e hoje tem um na região da Nova Faria Lima. Esta empresa esperou apenas a inauguração do novo empreendimento em 2004 para fechar o antigo nas proximidades do centro histórico.

Por estes dois exemplos do ramo da hotelaria, percebe-se como o capital vai se transferindo dentro da cidade conforme as exigências para a busca do lucro vão se transformando também. A cidade vai se “renovando” conforme os mandos e desmandos do capital internacional, que vai impondo seu ritmo no lugar.

É interessante analisar a localização dos maiores e mais luxuosos hotéis presentes em São Paulo. Em 2010 eram considerados hotéis cinco estrelas com serviços de padrão internacional, apenas quatorze empreendimentos. Deste total, treze se localizavam nos bairros do vetor sudoeste e um nas proximidades do Aeroporto Internacional de Guarulhos (GRU), que era o hotel da rede Cesar Park. Os dados dos hotéis de luxo em funcionamento em São Paulo podem ser visualizados na tabela 1.

Dos 14 hotéis cinco estrelas da cidade de São Paulo, quatro se localizavam nas proximidades da Avenida Paulista, os quais eram: L’Hotel, Tivoli Mofarrej, Renaissance (figura 1), Intercontinental. Todos são empreendimentos com idade superior a dez anos de funcionamento, mas que continuam oferecendo serviços de alto padrão. Destes, o mais novo é o Renaissance, inaugurado em 1996, e oferece mais de 450 suítes, além de contar com uma suíte presidencial que está sempre entre as mais procuradas e caras de todo o país.

O bairro do Jardins contava em 2010, com dois hotéis que são considerados os mais sofisticados, exclusivos e procurados da cidade, já que possuem menos de cem suítes. É o caso do Emiliano e do Fasano. São hotéis pertencentes à categoria Boutique. Esta denominação é utilizada para empreendimentos com alto padrão de sofisticação em seus serviços, além de contar com uma variedade gama de objetos feitos exclusivamente para decorarem as suas dependências. Devido ao ambiente ser considerado “aconchegante” e “descolado” torna-se similar a uma boutique. O Emiliano, por exemplo, como está localizado na Rua Oscar Freire, oferece serviços e descontos exclusivos para os seus hóspedes realizarem compras nas lojas presentes nesta rua. Já o Fasano (figura 2) possui como diferencial a sua ligação a boa mesa, já que é um empreendimento produto do sucesso do restaurante homônimo. É interessante assinalar que, diferentemente dos hotéis da região da Avenida Paulista, tanto Emiliano como Fasano iniciaram suas atividades entre 2003 e 2004, o

que mostra um interesse maior das redes hoteleiras em trabalhar nesta região da cidade com hotéis menores e luxuosos.

Tabela 1- Características dos hotéis de luxo presentes na metrópole paulista em 2010.

HOTÉIS DE LUXO	Bairro	UH's	Preço (R\$)		Ano de Inaug.
			Apartamento	Presidencial	
CEASAR PARK - INT AIRPORT	Aeroporto de Guarulhos	533	547,00	4.005,00	2003
TIVOLI MOFARREJ	Jardim Paulista	244	714,00	11.450,00	1994
HILTON MORUMBI	Itaim Bibi	485	625,00	14.500,00	2003
SOFITEL	Moema	219	760,00	10.000,00	1996
CEASAR PARK FARIA LIMA	Itaim Bibi	132	661,00	9.010,00	2004
TRANSAMÉRICA	Santo Amaro	396	693,00	4.527,00	1994
RENAISSANCE	Jardim Paulista	453	705,00	13.400,00	1996
GRAND HYATT	Itaim Bibi	470	806,00	12.000,00	2003
SHERATON WTC HOTEL	Itaim Bibi	300	850,00	8.000,00	1996
INTERCONTINENTAL	Jardim Paulista	193	705,00	7.000,00	1994
FASANO	Jardim Paulista	80	990,00	5.080,00	2003
L HOTEL	Bela Vista	83	1140,00	4.125,00	1994
EMILIANO	Jardim Paulista	57	1155,00	3.555,00	2003
UNIQUE	Jardim Paulista	96	1160,00	12.000,00	2003

Fonte: Pesquisa Direta

Nas redondezas do Parque do Ibirapuera, entre os distritos de Moema e Vila Mariana, há dois hotéis: Sofitel e Unique (figura 3). Este último possui o mais arrojado e moderno projeto arquitetônico hoteleiro da cidade de São Paulo, pois se parece com um barco que está flutuando no ar. Não possui paredes laterais, apenas duas colunas altas de sustentação, que garantem uma forma arredondada às suas paredes. Atualmente, ao lado dos dois hotéis da região dos Jardins, são os três principais empreendimentos de luxo da hotelaria paulistana que hospeda artistas e celebridades da televisão e cinema.

Na região da Vila Olímpia há o Ceasar Park Faria Lima, empreendimento que praticamente inaugurou, em termos de grandes projetos arquitetônicos, a abertura da avenida. Atualmente, nas suas redondezas, há inúmeros edifícios de escritórios e comerciais, restaurantes e bares que tornam essa região uma das que mais possuem atratividades em termos de lazer noturno.

Entre as Avenidas das Nações Unidas e Eng. Luis Carlos Berrini são três os hotéis cinco estrelas: Sheraton WTC Hotel, Gran Hyatt (figura 4) e Hilton. O Sheraton WTC Hotel¹² localiza-se em uma das torres do complexo *World Trade Center* São Paulo. O Gran Hyatt, se destaca pela sua arquitetura moderna e localizar-se ao lado do prédio da Rede Globo. Todos estes três empreendimentos entraram em funcionamento há menos de cinco anos.



Figura 1: Hotel Renaissance
Fonte: webluxo.com.br/menu/hoteis/hotel_renaissance.jpg



Figura 2: Hotel Fasano
Fonte: arcoweb.com.br/arquitetura/fotos/461/vista_hotel

¹² Desde sua inauguração em 1996, até 01 de maio de 2008, este hotel era administrado pela empresa de origem espanhola Sol Meliá, com bandeira Gran Meliá. A partir de então, a empresa administradora do complexo de escritórios do WTC decidiu que iria gerenciá-lo diretamente. Em janeiro de 2010 a empresa norte-americana Sheraton passou a administrar o empreendimento.



Figura 3: Hotel Unique

Fonte: <http://spintravel.blogtv.uol.com.br/img/Image/Spintravel/2007/Outubro/unique.jpg>



Figura 4: Hotel Gran Hyatt

Fonte: <http://www.granhyatt.com.br>

Um dos mais antigos hotéis cinco estrelas de São Paulo é o Transamérica, localizado no distrito de Santo Amaro, muito próximo ao Centro Empresarial São Paulo, que também é o mais distante do eixo Paulista – Berrini. Pela sua localização, este hotel acaba “fechando” o circuito da hotelaria de alto padrão de São Paulo. Quando foi construído no final da década de 1980, era considerado um hotel muito distante do centro de negócios de São Paulo.

Todos estes empreendimentos destacados possuem grande infra-estrutura para a realização de eventos corporativos. Muitos deles são escolhidos até para filmar programas de televisão, caso do Hilton e do Gran Hyatt.

Analisando os preços das diárias, todos os hotéis praticam valores acima dos R\$ 500,00, por uma noite de hospedagem. Este valor refere-se a hospedagem para acomodação de uma pessoa no apartamento mais básico que há no hotel, sem o valor das taxas incluído. Alguns hotéis já incluem neste valor o café da manhã e estacionamento, mas não são todos. Os maiores valores são encontrados nos quatro menores hotéis, conforme a tabela 1, alcançando os R\$ 1160,00, no caso do Unique. No caso das suítes de maior luxo e requinte, as chamadas “Presidenciais”, alguns valores são bem altos se comparados à realidade econômica do país. Tivoli, Sofitel, Unique, Renaissance, Grand Hyatt e Hilton cobram mais de R\$ 10.000,00 por uma noite de hospedagem. São suítes com tamanho superior a 200 m², com diversos ambientes e as vezes dois andares. A maior suíte presidencial em área é a do Intercontinental que mede 730 m² e custa R\$ 7.000,00.

Em comparação com outras cidades do mundo, a hotelaria paulistana vive um período de retomado do crescimento, com preços em ascensão. Conforme a pesquisa da Revista Hotel Magazine, que analisa o setor em diversas partes do mundo e funciona como um termômetro

para muitas empresas, em São Paulo, a diária média é de US\$ 125,00, com taxa de ocupação média de 59,4%.

É interessante verificar pelos dados da tabela 1, o período de inauguração dos hotéis. Todos os hotéis da região da Avenida Paulista têm mais de dez anos de funcionamento. O mais recente foi inaugurado em 1996. Este mesmo ano marcou a inauguração do primeiro hotel de luxo da região da Avenida Eng. Luís Carlos Berrini. Dos hotéis inaugurados a partir de 2000, três se localizam na porção incorporada pelo capital contemporâneo nos últimos anos, sinalizada como área das “novas” centralidades da metrópole (Faria Lima e Berrini), dois no bairro dos Jardins, um nas redondezas do Parque do Ibirapuera e o outro nas proximidades do Aeroporto de Guarulhos. A data de inauguração revela o momento de chegada destes investimentos nestas regiões e coincidem com a realocação dos fluxos de capital no interior da cidade, com a incorporação destas “novas” áreas pelo capital financeiro ligado ao mercado imobiliário.

Pela hotelaria pode-se visualizar a dinâmica atual dos serviços vinculados à economia mundializada que se localizam na cidade de São Paulo. Ou seja, a hotelaria acompanha a localização das empresas de maior poder atualmente e busca ter hotéis muito próximos ao local de trabalho do hóspede. Conforme a ABIH, o perfil do hóspede de hotel cinco estrelas de São Paulo é do cliente corporativo, que está na cidade a trabalho e quem paga a fatura é a empresa. Deste modo, o menor tempo gasto entre o escritório e o hotel é primordial para escolher o meio de hospedagem. Na maior parte das vezes, os eventos, as reuniões e todas as refeições são feitos no próprio hotel, mostrando economia de tempo de transportes e maior maximização do tempo de trabalho. Este perfil de hotelaria e hóspede é bem diferente daquele presente em cidades como Rio de Janeiro e todos os hotéis cinco estrelas da região Nordeste do país, especializados em atividades de lazer.

Vale destacar que esta análise se restringiu apenas aos hotéis de alto padrão. No entanto, se expandirmos nossa análise para os hotéis classificados como quatro estrelas ou de três estrelas pertencentes a redes estrangeiras, esse padrão de localização não muda. Apenas os distritos de Tatuapé, Santana, Vila Formosa, Casa Verde, Consolação, Bela Vista e República vão passar a ter hotéis com estas especificidades, além dos distritos da porção Sudoeste. O restante da cidade não possui hotéis com serviços que possam ser avaliados pelas associações de classe da hotelaria internacional e ganhar mais de três estrelas.

No chamado Vetor Sudoeste¹³ (Rolnik, 2001), tem-se a concentração dos serviços, comércio e inovações ligadas a mundialização. São lojas de departamento, *shopping centers*, lojas de grifes internacionais, serviços específicos para a elite, bares, restaurantes, hotéis de padrão internacional, teatros, academias de ginástica, clínicas de estética e empresas de publicidade e propaganda. Esta região de São Paulo, cada vez mais se mundializa, dando uma aparência que não se distancia muito das maiores metrópoles mundiais. Os bairros *Docklands* em Londres, *La Défense* em Paris, os CBDs (*Central Business District*) de cidades como Chicago, Dallas ou Atlanta, o centro econômico de Xangai, ou as torres de Hong Kong e Cingapura, em nada hoje se diferenciam no plano estético do eixo Faria Lima - Berrini de São Paulo.

Ao mesmo tempo, tem-se a produção das especificidades de um país em desenvolvimento como o Brasil, onde as periferias extensas e favelizadas não param de expandir-se, principalmente, em direção ao Sul e ao Leste de São Paulo, formando um verdadeiro cinturão de pobreza entorno da área mundializada. É sobre estas características que o conceito de Cidade Mundial no Brasil, mas também nos países em desenvolvimento, se torna distinto em relação ao discutido por Sassen ou Castells. Os conteúdos da pobreza, da exclusão social, cultural e tecnológica são grandes elementos estruturadores dos processos sócio-espaciais, o que nos impede de não incluí-los nas análises geográficas, já que ritmos sociais e econômicos diferenciados convivem num mesmo território, produzindo um espaço fragmentado e articulado típico das sociedades subdesenvolvidas ou em desenvolvimento.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo e seus negócios, ou melhor, os negócios que têm impulsionado o desenvolvimento do turismo nas cidades mundiais, deve ser visto como um importante fator para o levantamento e discussão de assuntos que considerem esta atividade sócio-espacial para além do lazer. O turismo hoje não é mais uma atividade subjugada às demais, pois muitas vezes, se apresenta como uma das poucas saídas para a geração de certo nível de

¹³ Esta autora considera vetor sudoeste a porção da cidade que vai dos distritos do Centro da Cidade até a região de Santo Amaro e Morumbi ao sul, tendo como limites a região do Alto da Lapa e Butantã a Oeste e Vila Mariana e Saúde à leste.

riqueza para alguns lugares. No caso de São Paulo, o turismo aparece como ponto-chave para o equacionamento dos negócios mundializados.

As atividades da hotelaria, da alimentação, do lazer, da cultura e do consumo surgem como elementos fortes e presentes notadamente na região sudoeste da cidade. No entanto, algumas outras regiões, sobretudo do centro histórico, tem recebido cada vez mais atenção do poder público e da iniciativa privada em relação a investimentos em infra-estrutura e restauração do patrimônio cultural, por ser requerida pelos agentes hegemônicos localizados nesta área nova da cidade. O desenvolvimento de roteiros turísticos que possuem a cultura como elemento principal, é hoje um dos produtos turísticos mais vendidos aos chamados “turistas de negócios” que se hospedam preponderantemente nos hotéis do vetor sudoeste.

Neste contexto, a visão e o entendimento da cidade pelo turista ficam restritos e errôneos. O visitante, o turista, na verdade, consegue conhecer apenas alguns lugares que, de alguma forma, têm uma relação imediata com outros espaços do mundo. Os hotéis são os mesmos, já que fazem parte de empresas multinacionais; ou no máximo se parecem. Os restaurantes, geralmente vendem o mesmo padrão de comida. Os *souvenirs* conseguem diferenciar-se pela cultura local, mas as compras - mercadorias de grife - não. As largas avenidas, os parques, alguns monumentos, as luzes, os *outdoors*, muitas vezes são similares, e o que pode tornar a cidade um pouco mais interessante e inesquecível é sua Alma (Yazigi, 1998), ou seja, sua cultura, seu modo de vida, sua comida, festas típicas, seu traçado.

Em São Paulo, a tentativa atual é de levar o turista ao centro histórico para que ele possa, pelo menos, ver alguns traços da arquitetura local, e tentar perceber a alma da cidade. O centro, apesar de todo o esforço do poder público e das empresas privadas em seu processo de requalificação, ainda preserva importantes segmentos populares e um comércio sublime que pode dar ao turista, uma pequena imagem da diversidade cultural, econômica e social que se vislumbra em São Paulo.

A crítica sobre a concentração dos empreendimentos hoteleiros, espaços para eventos, restaurantes e demais serviços que conformam o setor turístico em uma pequena parcela da cidade, deve ser feita no sentido da perda de compreensão ou na errada análise que o turista pode fazer. No vetor sudoeste a percepção da diversidade ou da existência de conflito social pode ser fragilizada pelo excesso de espaços de aspecto mundial ali concentrados. Somente a ida ao centro não significa que o turista conheceu a cidade, principalmente agora que as reformas na área central estão tendendo a uma elitização e uma “limpeza” social. Mas pelo menos, permite ao turista percorrer a cidade, ver outras regiões da cidade.

A localização dos empreendimentos hoteleiros na capital paulista, sobretudo aqueles ligados às redes internacionais que operam hotéis de categoria superior, permite visualizar o atual estágio do processo de reprodução do espaço urbano. As maiores redes de hotéis e restaurantes mantêm a maior parte de suas unidades (em torno de 95%) nos bairros localizados no vetor sudoeste, deixando as demais áreas sem empreendimentos de padrão internacional. O capital estrangeiro deste setor se localiza assim, na considerada melhor parte da cidade para se investir ou pelo menos, onde o retorno pode ser alcançado de maneira mais rápida.

A estruturação do espaço urbano tem refletido a maneira pela qual o poder público tem realizado seu trabalho de gestão, vinculado a atender rapidamente as exigências do capital privado, transformando-a numa cidade corporativa (Santos, 1990) que se fragmenta e se pulveriza em diversas partes desarticuladas social e economicamente.

O turismo assim, aparece como uma atividade que tem contribuído para o aprofundamento do conflito social e da fragmentação do espaço urbano, produzindo nas pessoas, dependendo do empreendimento, uma sensação de inferiorização, já que alguns hotéis são tão luxuosos que para alguém de maior sensibilidade e conhecedor dos problemas sociais, não consegue entender o uso e o porquê de um empreendimento daquela magnitude no Brasil.

Deste modo, pela análise dos empreendimentos hoteleiros de padrão superior e internacional em São Paulo, o turismo pode ser entendido como uma atividade que tem se desenvolvido de modo a aproveitar-se do rápido crescimento econômico da cidade, mas restrito a uma pequena parcela de seu território. De modo geral, a geração de emprego e renda tem sido feita, mas de maneira restrita, o que não justifica grandes investimentos do poder público neste setor, já que o retorno para a redução das distâncias sociais é pequeno.

São Paulo assim, retrata a nova dinâmica e tendência do turismo no Brasil. Um turismo regido por empresas de capital hegemônico internacional, que investem nos lugares de maior riqueza, com menor índice de problemas sociais, de maior beleza cênica, ou locais que pelo menos vão dar o retorno mais rápido a seus investimentos. Não se importam com o desenvolvimento da comunidade local, apenas explorar o que de melhor há no lugar.

Para São Paulo, conforme revela os seus maiores e mais luxuosos hotéis, a comunidade local fica restrita aos trabalhadores de baixa qualificação que ali trabalham, como camareiras, copeiras, garçons, manobristas, mensageiros, etc. O que garante a reprodução de

seus investimentos são os rumos dos negócios internacionais que têm em São Paulo, um nó de rede.

A hotelaria de padrão superior da capital e o turismo de negócios que aí se desenvolvem, assim são regidos pela economia mundializada, o que corrobora para o entendimento de São Paulo enquanto uma cidade mundial.

REFERÊNCIAS

ALVES, G.A. São Paulo: Uma cidade global. CARLOS, A.F.A. e CARRERAS, C. **Urbanização e Mundialização**. São Paulo: Contexto, 2005, pp.137-149.

ANDRADE, J.V. **Turismo: Fundamentos e Dimensões**. São Paulo: Ática, 2000.

CARLOS, A.F.A. **A Cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Espaço tempo na metrópole**. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. A reprodução da cidade como “negócio”. Carlos, A.F.A. e Carreras, C. **Urbanização e Mundialização**. São Paulo: Contexto, 2005, pp.29-37.

CARLOS, A.F.A.(org.). **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.

CARLOS, A.F.A. e CARRERAS, C. (orgs.) **Urbanização e Mundialização**. São Paulo: Contexto, 2005, 159p.

CASTILLO, R. e SILVA, A.M.B. Dinâmicas atuais da metrópole paulista: a promoção imobiliária para empresas. **Boletim de Geografia**: Maringá, 19(1), 2001, pp.59-70

CEPOLLARO, G. Gottmann: a metrópole transacional. DE MASI, D. **A Sociedade Pós Industrial**. São Paulo: Senac, 2000, pp.233-245.

CORDEIRO, H.K. A cidade mundial de São Paulo e o complexo corporativo do seu centro metropolitano. **O novo mapa do mundo: Fim de século e globalização**. Santos, M (org). São Paulo: Hucitec, 1993, p. 318-331.

_____, H.K. Reflexões sobre o tempo do cotidiano no centro metropolitano de São Paulo. **Bol. Geografia Teórica**. Rio Claro, 1986, v.21, n.42, p. 64-69.

_____, H.K. **O centro da metrópole paulista: expansão recente**. São Paulo: USP, Instituto de Geografia, 1979, 184p. Tese (doutorado em Geografia Humana), USP, 1979.

FERREIRA, J.S.W. **São Paulo: o mito da cidade global**. São Paulo: Fauusp, 2003. Tese (doutorado em arquitetura e urbanismo) FAUUSP, 2003, 323p.

FRUGOLI JR., H. **Centralidade em São Paulo**. São Paulo: Cortez, 2000.

HARVEY, D. **Condição Pós Moderna**. Rio de Janeiro: Ed. Loyola.

LEFEBVRE, H. **A reprodução das relações de produção**. Porto: Escorpião, 1973.

_____. **La Revolución urbana**. Madrid: Alianza, 1983.

_____. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LEVY, E. **Democracia nas cidades globais: um estudo sobre Londres e São Paulo**. São Paulo: Nobel, 1997.

MARX, K. **Introdução à crítica da economia política**. São Paulo: Abril, vol 35, 1974, pp 109-133.

PINTAUDI, S.M. “A cidade e as formas do comércio”. CARLOS, A.F.A. **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 1999, pp. 137-153.

RODRIGUES, A. M. O governo das cidades globais. **Anais da 48º Reunião Anual da SBPC**. PUC - São Paulo, 1998, vol.1, p. 556-557.

RODRIGUES, A.B. **Turismo e Geografia: Reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo, Hucitec, 1999.

ROLNIK, R. **A Cidade e a Lei**. São Paulo: Estúdio Nobel, 1997.

_____. **São Paulo**. São Paulo: Publifolha, 2001.

SANTOS, M. **Metrópole Corporativa e fragmentada**. São Paulo: Hucitec, 1990.

_____. **Por uma economia política da cidade: o caso de São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1994, 153p.

SASSEN S. **The Global City: New York, London , Tokio**. New Jersey: Princeton University, 1988.

_____. “A Cidade Global”. In: LAVINAS, L. (org). **Reestruturação do espaço urbano e regional no Brasil**. São Paulo: Anpur/Hucitec, 1993.

_____. **As cidades na economia mundial**. São Paulo: Nobel, 1998.

SEMPLA/São Paulo (Cidade). **A economia da grande cidade: desafios da política urbana em São Paulo**. São Paulo: Sempla/PMSP, 2002.

SILVA, A.M.B. **A Contemporaneidade em São Paulo: produção de informações e o novo uso do território brasileiro**. São Paulo: FFLCH/USP, 2001. Tese (doutorado em geografia) FFLCH/USP, 2001, 283p.

SILVA, C.H.C. **O tempo e o espaço do comércio 24 horas na metrópole paulista**. Rio Claro: UNESP, 2003. Dissertação (mestrado em geografia), IGCE/UNESP, 2003, 224p.

SILVA, C.H.C. As cidades mundiais na contemporaneidade. **Geosul**. Florianópolis: UFSC, v.20, n.39, jan/jun. 2005, pp.7-28.

SOUZA, M.A.A. (org.) **Metrópole e Globalização: Conhecendo a cidade de São Paulo**. São Paulo:CEDESP, 1999, 253p.

TRIGO, L.G.G. **A Sociedade Pós-Industrial e o Profissional em Turismo**. Campinas: Papirus, 1998.

YAZIGI, E. **A alma do lugar**. São Paulo: Contexto, 1999.

YAZIGI, E. **Civilização urbana: planejamento e turismo**. São Paulo: Contexto, 2003.

Sites especializados:

www.abih.com.br

www.hotelmagazine.com.br

(Recebido em setembro/2010. Aceito em Novembro/2010)